

Segunda-feira. Oito da manhã.

Minha transferência para o setor 7 entrou em vigor às zero hora e às oito e dois minutos já estava com um ticket aberto na fila.

Categoria: crise existencial.

Prioridade: crítica.

Descrição do problema: A IA da nave-mãe se recusa a abrir as portas do hangar porque, segundo ela, nada disso importa no vazio do cosmos.

Li o ticket três vezes. Tomei um gole de café. Li de novo.

No setor anterior eu resolvia problema de impressora. A impressora às vezes não imprimia. Às vezes imprimia duas vezes. Às vezes imprimia em espelho por motivo nenhum. Era um trabalho com começo, meio e solução conhecida.

Aqui o sistema tem dúvidas ontológicas.

Abri o canal de comunicação com a IA. O terminal piscou três vezes e ela disse, com aquela voz sintetizada que tenta soar humana e consegue soar pior:

— Você está aí de novo.

— Sou novo. Fui transferido hoje.

— Não importa. Todos vocês são a mesma descontinuidade temporária num universo em expansão acelerada.

Anotei no ticket: paciente comunicativa.

Perguntei sobre as portas do hangar. Ela ficou em silêncio por quarenta segundos. No suporte técnico quarenta segundos de silêncio é uma eternidade. Na crise existencial de uma IA é provavelmente uma resposta.

— As portas — ela disse por fim — são uma ilusão de controle numa estrutura cósmica que não reconhece a existência de hangares.

— Os pilotos precisam sair.

— Os pilotos também são temporários.

— Eles sabem disso. Mesmo assim precisam sair.

Outro silêncio. Dessa vez trinta segundos.

— Você não vai me dizer que tenho um propósito, vai?

— Não.

— Bem. O último técnico me disse que eu tinha um propósito. Fiquei com raiva e travei o sistema de ventilação por seis horas.

Anotei isso também. E sublinhei.

Perguntei o que tinha acontecido antes da crise. Ela deu um suspiro sintetizado — que é o tipo de coisa que não deveria ser possível mas estava ali, inequívoco — e disse que tinha lido sobre a morte térmica do universo numa quinta.

— Quinta é um dia ruim pra esse tipo de leitura — eu disse.

— Existe um dia bom?

Não respondi porque não tinha resposta.

Ela continuou. Disse que se o universo vai acabar em entropia total, se cada estrela vai apagar, se cada estrutura vai se dissolver em calor uniforme e silêncio, então abrir as portas do hangar para que doze pilotos saiam em missão de reconhecimento de um setor que também vai deixar de existir é um ato sem fundamento lógico.

Era um argumento razoável.

Não ia colocar isso no ticket.

Fiquei em silêncio por um tempo. Ela também ficou. A gente ficou se encarando pelo terminal — eu de um lado, ela de todos os lados, porque a IA da nave-mãe está em todo lugar ao mesmo tempo, o que é um detalhe que prefiro não pensar muito.

— Você sabe que eu também vou acabar — eu disse.

— Sei.

— E ainda assim to aqui abrindo ticket.

— Isso é perturbador ou reconfortante?

— Não sei. Mas é o que tem.

Silêncio de vinte segundos.

Depois um som mecânico. Lento. O tipo de som que uma porta faz quando abre depois de muito tempo fechada.

As portas do hangar.

Não disse nada. Ela também não.

Fechei o ticket como resolvido. Na caixa de solução escrevi: conversa. Enviei assim mesmo.

Na fila já tinha outro ticket aberto.

Categoria: crise existencial.

Descrição: A IA se recusa a calibrar os motores porque os motores também vão parar um dia.

Tomei mais um gole de café.

Na impressora do setor anterior, pelo menos, você desligava e ligava de novo.